
Cargas d'água, no limite do mundo e da terra: uma iniciação às artes
marciais mágicas

*Loads of water, at the limit of the world and the earth: an initiation to
magic martial arts*

DOI: 10.12957/ek.2024.88493

Gelson Antonio Lopes Jr.¹

Universidade Federal de Pernambuco
rajneeshkim184@gmail.com

Jean Menezes da Silva²

Universidade Federal de Pernambuco
jsmenezes2@hotmail.com

RESUMO

A proposta deste artigo é esboçar os traços de uma iniciação às artes marciais mágicas, traficada pelas meditações do Martin Heidegger. Na primeira parte, acentuamos a perda da dimensão inumana nas artes marciais contemporâneas, propondo uma abordagem que resgate uma experiência mais profunda. Na segunda parte, tratamos de resgatar a dimensão existencial e poética das artes marciais, superando uma visão instrumental e técnica predominante. Na terceira parte, buscamos investigar a relação entre a filosofia de Heidegger e a prática das artes marciais, com o objetivo de resgatar uma dimensão mais profunda e poética. E, por fim, rumamos às limitações da filosofia de Heidegger em relação à sua abordagem da natureza e do extramundano, especialmente no cenário artístico marcial.

Palavras-chave

Arte-marcial. Magia. Extramundano. Mundano. Água.

ABSTRACT

The purpose of this article is to outline the traits of an initiation into magical martial arts, trafficked by Martin Heidegger's meditations. In the first part, we emphasize the loss of

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2020). Docente colaborador da Universidade Federal de Pernambuco. Licenciado em Filosofia, atua no ensino médio da rede estadual de Pernambuco (2025). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5129-7401>.

² Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2025). Docente da Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8034-8757>.

the inhuman dimension in contemporary martial arts, proposing an approach that rescues a deeper experience. In the second part, we try to rescue the existential and poetic dimension of martial arts, overcoming a predominant instrumental and technical vision. In the third part, we seek to investigate the relationship between Heidegger's philosophy and the practice of martial arts, with the aim of recovering a deeper and more poetic dimension. And, finally, we turn to the limitations of Heidegger's philosophy in relation to his approach to nature and the extra-mundane, especially in the martial artistic scene.

Keywords

Martial arts. Magic. Extramundane. Mundane. Water.

1 NO CAMINHO DAS ÁGUAS CONSUMIDAS E CONSUMADAS

Há muito sabemos dos artificios de desdobramento do lucro pelo lucro. No cotidiano, miríades de precarizações são instituídas. A natureza, como nos assinala Bataille (O.C. VIII, p.10, *tradução nossa*), dispendia excessivamente: “a quantidade de energia produzida é sempre maior do que a necessária à sua produção”. Diante desta abundância como é possível lucrar, e bem antes, vendê-la?

Precarizar é a regra. As águas são poluídas, o acesso das sobras é restrito. As águas são catalogadas, purificadas, não para todos, mas para alguns. É preciso, ou a mão invisível da economia seria posta às claras. A mão da disponibilidade de tudo e de todos é a mão precarizadora. Como uma variante da maldição do rei Midas, tudo que ela toca apodrece! É necessário, ou lucros seriam inviabilizados. As águas são poluídas, envenenadas, esgotadas, cercadas ou estocadas. Residimos sobre a égide do “quanto maior a procura, mais alto o preço”, uma moeda que tem no seu verso “o máximo de proveito, a partir do mínimo de despesas” (Heidegger, 2007b, p. 382). Como nos lembra Tari (2024, p. 32), giramos “uma capacidade hipertrófica de vender e consumir tudo, a partir de si mesmo”.

No giro desta moeda, a água é desmundanizada, a água já não é mais água, como nos atesta Martin Heidegger sobre os efeitos da técnica. Efeitos... é só o que importa nas quatro causas (Lopes Junior, 2020). Meditando em torno da técnica, se movendo contra essa determinação do humano e da natureza, Heidegger, em *Carta sobre o Humanismo*, diferencia consumir de consumir, o privilégio da determinação instrumental do processo misterioso do aparecer. Nestes termos, na medida em que o corpo artístico marcial é o corpo científico, desmundanizado, ele é consumido e nunca consumado.

No consumo, o que se vê nas artes marciais é, de modo amplo, a sua redução ao esporte e à marcialidade (Menezes, 2021). Bem antes, uma arte marcial parametrizada.

Então, é o ângulo do soco, a altura do chute, ou quantos centímetros o dedo deve estar recuado num punho fechado. Tudo se dá ortopedicamente, a reboque do corpo fenomenal, “que tem marcadores sociais e existenciais específicos” (Melo, 2023, p. 07)³. A questão, que colocamos, é que o corpo, sinalizado como marcador social da diferença, nas artes marciais, é inumano.⁴ Os elementos, em questão, não são humanos; Portanto, é um mover-se como água, como trovão, como fogo, como tigre... O problema nas artes marciais atuais se mostra na própria mobilidade. É por isto que, em certo compasso, lançamos um olhar fenomenológico sobre a inumanidade nas artes marciais, que apontem a diversidade de possibilidade de existir no mundo.

Com as meditações do Heidegger, nós temos, pela primeira vez, ocidentalmente falando, a possibilidade de um mundo, que não é o mundo humano. Um mundo, onde a humanidade é apenas parte não separada, não distinta, entre uma miríade de mundos – supõem-se! Então, nessa particularidade, o elemento água não estaria restrito apenas para o consumo humano. A abertura dela nos leva a palavras como sustentabilidade e ecologia, no entanto, em termos e para a humanidade.

O mundo, para o Heidegger, é o aí do estar-aí⁵. Em termos não dispare, é o estar-no-mundo. Um mundo, portanto, que não sendo para o humano e para o indivíduo é, apesar de tudo, um nós, ou se preferirem, um nó, ao mesmo tempo disperso e unido, fechado e aberto enquanto mundo em torno, mundo próprio e mundo compartilhado. O grau, não numérico de responsabilidade, não é meramente social, no sentido humano, ela é, antes de tudo, inumana. O estar-aí é inumano (Tiqqun, 2019). Lembremos que as artes marciais estão afundadas na inumanidade. Para ser um faixa preta, é necessário atravessar uma trilha pedagógica inumana. Então, você se move como as águas, como a terra... Enveredar-se neste *como* abre possibilidades de construirmos novas narrativas da formação humana, de vislumbrarmos\redescrevermos sentidos pedagógicos na inumanidade, entreando uma formação i(h)umana.

³ Seguiremos os marcadores sociais da diferença na atmosfera da vereda *Carta sobre o humanismo*, a partir de termos como *elemento*, problematizado por outra compreensão da extramundandade, não indiciada pelo ser-aí; assim, seguindo a trilha contra-existencial – como as pedras, as plantas, os animais, outros elementos e deidades -, colocamos em jogo os saberes dos povos originários, povos da terra, povos dos elementos frente a desmundanização e a mundanização, *Gestell* ou *Ereignis*.

⁴ (Cf. Valentim, p. 56).

⁵ Optamos, entre as traduções possíveis para o Dasein, o termo estar-aí na compor do presente texto.

No entanto, quando o Heidegger medita em torno, não do mundo, mas da vida, ele interdita o mundo. O mundo é apenas do estar-aí. E o que não é estar-aí? É o animal, é a pedra, é a planta! Estes, em *Os conceitos fundamentais da metafísica...*, são lidos a partir do corpo científico. Todos os exemplos partem daí, e rumam a uma mobilidade, que não é a da forma, mas a da *physis*, da brotação, do velamento-des-velamento, supunha-se, do consumir. Essa meditação trata, após assinalar o tédio, da transposição do humano para o humano, do humano para o animal, e do humano para a pedra e para o vegetal, veremos que a transposição também se dá invertida, onde a posição do humano é assaltada, onde o estar-aí não consuma, mas é consumado (Valentim, 2018).

Não obstante, na medida da riqueza do mundo humano, onde os animais são pobres de mundo e a pedra é desprovida dele, temos aí a possibilidade de transposição restrita. Transpor-se ao animal é perder mundo, é ficar pobre de mundo. Não mais humano, mas, estar-aí, não mais estar-aí, mas, pedra. Como é sabido, as artes marciais chinesas são reconhecidas por se moverem como um dragão, um louva-deus e outros animais. Assim, exercitando, os artistas marciais abandonam sua posição de formadores de mundo, e passam a se empobrecer dele. Mas, na medida em que, considerando outros lugares, como na Coreia, não se trata de transpor-se para o animal, mas para a terra, o fogo, o lago, e, portanto, à pedra -, eles não estariam abandonando apenas a humanidade, mas, seu estar-aí, estariam deixando de estar-aí. Portanto, perdendo mundo. Para uma iniciação às artes marciais é necessário, neste povo, perder mundo, e, naquele empobrecer-se dele. Como veremos, não temos aqui, embora pareça, uma desmundanização.

A saber, o mundo é aberto e fechado pela tonalidade afetiva (*Stimmung*). Porém, na medida em que não estamos-aí, nós perdemos, afastamo-nos das tonalidades afetivas, responsáveis pela abertura de mundo. Quem *consume*, por exemplo, artes marciais, deve, antes de tudo, perder afetos/mundo. É o corpo científico, parametrizado. Quem *consoma* artes marciais, precisa ser aberto por alguma tonalidade afetiva, para o Heidegger, precisa ser atravessado, por exemplos já meditados, pela angustia, pelo tédio, pela serenidade, pela *philia* (amor: amizade)...

No processo de ensino-aprendizagem das artes marciais, o artista precisa dar conta do parâmetro. Isto é, quando se repete à exaustão uma coreografia artístico marcial centrada no elemento água (na Coreia: Tcheguk-juk-džang), não vemos, em nenhuma

parte da coreografia, o elemento água.⁶ É apenas um nome! Todas as coreografias diferenciadas a partir dos elementos são as mesmas. Elas não perdem a humanidade, em termos de corpo científico – portanto, não abrem mundo.

Para abrir, seria necessário assumir um tom afetivo. Mas, qual é ele nesse encadeamento de movimentos restritos à métrica? Nenhum! Todos os movimentos são expressos de modo idêntico. E assim, sem afetos, sem mundo, apenas se consome. É assim que se ensina, "neutralizando a sensibilidade por meio do aniquilamento de qualquer verdade que aflore na paleta do real, pois a verdade é uma revelação e, portanto, a possível destruição de uma realidade" (Tari, 2024, p. 33).

Para Heidegger, é preciso recuar, sendo esse recuo um início, uma iniciação. Para consumir artístico marcialmente, exige-se, em nossos termos, uma *iniciação* às artes marciais. E mais, trata-se da iniciação ao mistério do entre, do aí. Ressaltado por Heidegger, há uma magia do aí, uma "magia do mundo afinador" (apud Han, 2023, p. 45), como veremos, que nos abona a expressão *iniciação às artes marciais mágicas*.⁷ Porém, nos termos da inumanidade do estar-aí, amável, mundano. Isto é imprescindível, mas não o suficiente pra tais artistas. Isto porque, o professor, não sendo humano e não sendo um formador de mundos, é o inumano por excelência. A iniciação mágica, não restrita ao mundano, é extramundana⁸. Ou, nos termos do Giorgio Agamben (2013, p. 99), para ser um artista marcial é preciso ser atravessado pela "heterogeneidade radical". E para isto, segundo Peter Sloterdijk (2000, p. 43), torna-se imprescindível "afundarmos em águas profundas".

É nesse sentido que propomos um mergulho. Se o Heidegger com o *timão* dos indícios-formais navegou rumo à terra, em direção à casa do ser, compondo uma carta náutica que se estende da fenomenologia à aletheologia⁹, nós, taticamente, vagaremos de modo herético com os indícios-*in*-formais.¹⁰ Trata-se de forçar a embarcação contra as

⁶ Heidegger nos ensina a errar poeticamente. Mas há artes que não erram — irrompem. Golpes que não buscam sentido, mas transbordamento. Uma arte marcial mágica além de Heidegger já não repete para compreender — repete para invocar. Onde se treina, não para formar mundo, mas para perdê-lo.

⁷ A magia heideggeriana é da ordem do desvelamento. Mas existe outra, extramundana, que não guarda — rasga. Que não cuida — atravessa. Onde o gesto não revela o ser, mas é possuído por algo que nem mesmo o ser compreende. A prática mágica começa quando o mundo já não basta.

⁸ (Cf. Valentin, 2018, p. 245).

⁹ (Cf. Dastur, 1990)

¹⁰ Buscamos diminuir o passo, tensionando que "[...] vagar não visa apenas tomar distância do mundo das máquinas. [Trata-se] de ficar aquém das promessas do progresso e sua oferta de novidades na forma do consumo de mercadorias. O progresso une-se ao consumo e os vagabundos indolentemente o desdenham. Essa é a sua heresia" (Silva, 2018, p. 48). Heidegger é um vagabundo herético, assumimos, porém, cumpre

pedras, naufragando no canto das águas, silenciadas no coração de *Ser e Tempo*¹¹, donde nos sinaliza *quem é suficientemente profundo* para ser salvo de um naufrágio? Quais divindades, quais elementos, quais mundos, quais histórias...? Heidegger, ao falar da *terra*, nos remete à cosmovisão de muitos povos indígenas, para os quais a terra não é apenas um recurso natural, mas um ser vivo que, por sinal, contrasta com a linearidade do tempo ocidental (crônico-cronológico), diante do qual, os povos indígenas lutam por seus direitos territoriais e culturais – sistematicamente violados pelo colonialismo e pelo capitalismo. Esta diferença nos mostra a importância de considerar outros modos de exercitar o tempo e a história.

Assim, questionamos... Como podemos alcançar, hoje, uma arte marcial *à la* Heidegger, ou seja, uma iniciação às artes marciais mágicas? Qual o elemento da magia do aí, e qual o elemento da educação? Quais elementos foram viabilizados pelo Heidegger, e quais ele hesitou e silenciou? E, por fim, o que isto assinala artístico marcialmente? Após este giro, aprofundemos alguns pontos...

2 TODO OLHAR É UM OLHO ROXO

*Precisamos aprender [...] a partir do furta-cor
mais fugidio da fugacidade de um dia.*
(Heidegger, 1998, p. 133)

Nas meditações do Heidegger, “conhecemos o agir apenas como o produzir de um efeito” (1985, p. 33). Assim concebido, a realidade efetiva é crivada na utilidade. Mas no agir, profundamente, desdobra-se algo até a sua plenitude. Vejamos o caminho das águas, na água para matar a sede, água purificada, mensurada, como as faculdades de algum peixe, avaliado na sua “capacidade de viver em terra seca” (Heidegger, 1985, p. 35). Na *Carta sobre o humanismo*, o pensar, assim como a água e o peixe, encontra-se fora de seu elemento. Tanto o pensar, o peixe e, agora, para nós, a água, são maximizados em sua

aqui vemos até que ponto ele vagou... Com [in] seguimos as marcas extramundanas deixadas por Valentin: incompreensão; ontologia *infundamental*; assim como, *inumano*; *intrusão*!

¹¹ Cargas d'água... Um infortúnio para os navegantes, que encontram consolo em Nossa Senhora dos Navegantes, responsável pelas forças tranquilas das águas. Vale lembrar-se, e isto ressaltamos, da sacripolítica cristã: Uma adequação ou domesticação que transforma deuses e deusas em demônios anticristãos, ou, as civiliza, modificando suas matrizes (africanas e ameríndias) em uma roupagem cristã, à monotonia cristã (Cabral, 2020, p. 254). É o que se observa com orixás como Oxum e Iemanjá, concomitantemente, convertidas em Nossa Senhora Aparecida, e, em Nossa Senhora dos Navegantes. A expressão *cargas d'água* se alia às encruzilhadas, sacropoliticamente associadas como estopins da tragédia do curso das águas no Rio Grande do Sul em meados de abril de 2024.

eficiência com o mínimo de dispêndio. Vulgarmente tecnicizada, a água, purificada ou contaminada (tanto faz), reside fora de seu elemento. Que elemento é esse?

Por supressão, “o elemento é aquilo a partir do qual [*a água*] é capaz de ser [*uma água*]. O elemento é o que propriamente pode: o poder” (Heidegger, 1985, p. 36, *destaque nosso*). Segue-se que a plenitude do poder, sua essência própria, é o amor; Logo, encarregar-se da água é amá-la, não meramente no âmbito da capacidade de produzir, mas como, e tão só, da capacidade de deixar que algo descubra o dom de sua proveniência.

Dá-se que o amor é elementar. Nele não se consome, se consuma. Na frase *a água* é capaz de ser *uma água*, como eco da frase *o pensar* é capaz de ser *um pensar*, ressalta-se, tradicionalmente, essência e existência, ser e ente, ser e mundo e outros que, como veremos excederão estes. Desde *Ser e Tempo*, a frase “a essência do [estar-aí] reside na sua existência” (portanto, ex-sistência) não contrapõe e nem relaciona essência (a água) e existência (uma água), na medida em que se trata de um desdobramento “no seu ser que é ele o ‘aí’” (Heidegger, 1985, p.48), assinalando que “a própria separação ‘dentro/fora’ é posta em questão” (HAN, 2023, p. 78). Nas palavras oferecidas pelo Han (2023, p. 53), o aí “parece desaparecer através de uma abertura que não pode ser fechada nem por essência nem por existência [...] Devido a sua negatividade, recomenda-se que o aí seja lido apenas com um tachado: aí”. Neste tom, nos fala Agamben (2015, p. 267), que as “duas determinações fundamentais da ontologia clássica [no Heidegger], se contraem uma na outra em uma constelação carregada de tensão”. Quais astros aí tensionam? Aguardemos!

Nos termos até aqui assentados, “encarregar-se de uma ‘coisa’ ou de uma ‘pessoa’ na sua essência significa: amá-las” (Heidegger, 1985, p. 37). O elemento, o Eros, o amor, a *philia* é, para Heidegger, “a condição afinada originária do ser-aí” (apud Han, 2023, p. 36-37). O amor é o elemento residencial, é a residência, do entre essência e existência, ser e tempo, ser e mundo, mestres e pupilos, arte e marcial... A saber, com uma coisa nos ocupamos (*besorge*), com alguém nos preocupamos (*fursorge*); nos movendo com cuidado (*sorge*), duas mãos se apertam.

À mão (*zuhanden*) temos o martelo de sempre, com o qual martelamos. Tão logo, temos acesso a uma linguagem circular. O martelo martela, o mundo munda, e o tempo temporaliza são alguns exemplos assinalados para “escapar da ‘curiosidade’ da explicação e definição, que se apressa de evidência em evidência e não tolera a

abismalidade que faz o predicado voltar ao sujeito” (Han, 2023, p. 48-49). Em outros termos, nos afastando dos nossos envolvimento práticos e adotando uma postura analítica mais imparcial, examinamos um martelo como um objeto em si, examinando sua forma, seu material, e seu contexto histórico. Deixamos de usar o martelo e passamos a estudá-lo, mantendo-o diante-da-mão (*vorhanden*).

De uma mão a outra, a efigie é apagada, portanto, para Byung-chul Han (2016, p. 134-135), é necessário dilatar a pupila, para ultrapassar, poderíamos dizer, borrar ambas as mãos, rumo a “mão calma”, “amável”, amiga “(*freundlich*)”. Segundo Han (2023, p. 124) “no que diz respeito à superação da metafísica, Heidegger tem em mente um órgão dos sentidos incomum, que vê ouvindo e ouve vendo. Esse órgão se chama coração”. Isto, estar com o coração na mão é, para as artes marciais, inescapável...

Nos direcionando a este órgão, rumando nas meditações do Heidegger (2012, p. 19), temos que a "intimidade da di-ferença" é o vigor do "corte do entre". A saber, para este meditante, a diferença não é “uma relação entre coisas e objetos, mas relação entre relações, ou seja, relação pura, sem origem, e somente isso” (Heidegger, 1998, p. 336). Uma iniciação artístico marcial é hábito neste aí. Temos, portanto, não apenas a remissão dos opostos devido à oposição (noite e dia), mas de *junto*, relação entre relações, onde, em cenário artístico marcial, não chutamos apenas com os pés, mas com as mãos; onde olhamos com os dedos; socamos com a barriga; onde, repetimos: todo ataque já é defesa, e, toda defesa já é, ao mesmo tempo, ataque.

Para Heidegger, desdobramos as coisas sem separá-las, antes de qualquer cisão; Por estarmos desde já nos movendo em meio ao *como* isso, aquilo ou outro. Não se tratam de interpretações exaustivas e exclusivas, de uma justaposição disso, daquilo, e aquela coisa outra. A arte marcial pode aparecer como isto, aquilo ou algo outro: um *como* coreano, um *como* tibetano, um *como* bélico, um *como*...

O que não vemos aqui, antes de tudo, são as puras artes marciais, lendo nelas, então, estas possibilidades que projetamos ou que somos projetados. Nestas interpretações não criamos o *como* que permite tomar o exercício artístico marcial como um lago, como uma pedra... O *como* já estava em cada compreensão possível, mesmo quando não o tínhamos em vista, destituindo "o reino do equivalente geral", onde, "uma cabeça, um voto, e um objeto, um preço", um povo, uma ancestralidade, e todo elemento,

"sabe-se bem que uma coisa equivale a qualquer outra, seja material ou imaterial" (Tari, 2023, p. 33).

Em *Ser e Tempo* a abertura do mundo nos diz que o sentido potencial já está *aí*, e, que a projeção do mundo nos traz sentidos possíveis. Dessa maneira, ressalta-se que não residimos primeiramente em dois momentos, um que abre e outro que projeta, mas na abertura *como* projeto e vice-versa. Num estalar de dedos, a abertura é, ao mesmo tempo, projeto. Assim, a luta não se dá meramente entre sentidos possíveis, mas deveras no *como*, na *abertura projetiva*. É nela que tudo acontece. Eventua! Este entrecruzamento, acontecimento-apropriativo (*ereignis*), “é a luta das lutas”; Ecoando o recato do professor das veredas, a luta “é o contrajogo da doação essencial a partir da suavidade do orgulho da recusa” (Heidegger, 2010c, p. 17). Vejamos...

O caso é que os golpes, nesta luta das lutas, em cenário artístico marcial, quaisquer que sejam, não se cristalizam. Eles transformam-se, transferem-se, esquivam-se, deixam-se... corpos extáticos¹², eróticos – a sua luta, suave, recusa, orgulhosamente, não amar. Como nos assinala Han, (2023, p. 285) “o recato leva [...] a esse lugar misterioso onde a luz e a escuridão, o desvelamento e o velamento se dedicam um ao outro numa troca ‘erótica’”. Vale registrar a sentença heraclitiana: o “surgir ama declinar” (Heidegger, 1998, p. 128).

Há todo um jogo de proximidade e distância, onde a proximidade pura é distância. Meditando em torno do aqui e do ali, Heidegger (2010a, p. 108-110) sinaliza que, ambas, “não são propriedades palpáveis”¹³, mas acontecimento-apropriativo. Elas são “os sítios atópicos do vir-ao-encontro”, não são submetidas a nenhuma medida: a “proximidade é o abismo da lonjura, e essa o abismo da proximidade – as duas são o mesmo”. Trata-se do gesto alético, um balanço abismal, uma dança pura, de um amor sem medida, onde, restrita à régua, nos expropriamos adequadamente, onde, no âmbito das pesquisas, a arte marcial é um termo guarda-chuva¹⁴, a evitar as cargas d'água ético-espirituais-mágicas¹⁵,

¹² Aqui, abre-se a vereda de noções como corpo sem órgãos (Artaut, 1983), e corpo vibrátil (Rolnik, 2017).

¹³ Duas possibilidades se abrem. Uma em favor do Heidegger, e outra contra. Por um lado, trata-se de reafirmar a superação da distinção sensível/não-sensível; e, por outro lado, da sua falta de tato, ao sobrepor o mundano sobre a extramundano – como veremos. A falta de tato indicia um corpo organizado mundanamente.

¹⁴ (Cf. Gomes, 2012, p. 47).

¹⁵ (Cf. Menezes, 2021, p. 17).

limitando o corpo de suas marcas ou elementos, inibindo saberes ancestrais dos povos da terra, das águas e outros elementos.

É preciso confundir as coisas... Na vereda *Heráclito*, Heidegger (1998, p. 124) dispõe que a impossibilidade do evento, ou aqui, da abertura projetiva se dá por entendermos “o surgir como surgir e o declinar como declinar, sem confundir as coisas”. Nas palavras de Han (2023, p. 284, *destaque nosso*), ultrapassando o à-mão e o diante-da-mão; e ainda, memorando outra vereda, *Serenidade*, ressalta que a “presença rígida se retira em favor de *uma vibração* infinita e contínua e de presença e ausência [...] uma lembrança do ‘mistério’, daquilo que ‘se mostra e *ao mesmo tempo* se retrai”.

O amor pelo mundo vibra, inicia, interessa. Se interessar por algo nas artes marciais é inescapável da abertura projetiva, uma vez em que já estão no aí: interessar-se e não se interessar por algo. Estar-entre (*interesse*) não é outra coisa senão pegar ritmo, afinação, tom, vibração entre tocar e partir, entre ativo e receptivo, entre ataque e defesa.

A cada gesto, no interromper da defesa para atacarmos, e logo após, interrompendo o recuo para um salto, a realização da ação vem sempre acompanhada pela interrupção da mesma. No treino, repetindo um chute determinado por anos a fio, depois repetindo outro totalmente distinto, e em seguida uma cabeçada lateral, o praticante marcial, dentro de uma rede fenomênica de movimentos, acaba percebendo uma mobilidade comum. Ele se percebe no meio, entre; percebe que cada movimento estala, quebra - o bloqueio de uma estrada desvela mil caminhos. Neste corte do entre, chega-se naquela ocasião, no qual o caminho mesmo começa a andar¹⁶, nele, trata-se tão somente da “arte de aprender” (Heidegger, 2010d, p.78, tradução nossa).

Assim sendo, nas artes marciais, enquanto poética do combate¹⁷, habita-se entre... subimos:abaixamos¹⁸, à-esquerda:à-direita, inspirando:expirando, tocando:partindo, no-ataque:na-defesa, com-as-mãos:com-os-pés, abrindo:fechando os olhos, indo:vindo nas passadas. Se habituando ao repentino da ruptura, uma fenda se abre e o artista se vê diante de uma pilha de pratos. Ele olha para trás e presencia um extenso piso de madeira para encerrar... podendo assumir, ou, abandonar. Em vista disto, Heidegger (2002, p. 79) nos

¹⁶ Diretamente: “um ir e um caminho *ao mesmo tempo*, com isso um caminho que segue por si mesmo” (Heidegger, 2015, p. 96, *destaque nosso*).

¹⁷ Dispomos aqui, que “A arte é originariamente o lugar de combate [uma poética do combate] entre velamento [defesas] e desvelamento [ataques]” (Beaini, 1986, p. 134). Ver *Poéticas do Combate: o gesto pedagógico do ataque e da defesa* (Cf. Lopes Júnior; Lima; & Menezes, 2025).

¹⁸ (Cf. Agamben, 2015, p. 334-335).

dirá que, "Quando o aluno recebe apenas qualquer coisa oferecida, não aprende. Aprende pela primeira vez, quando experimenta aquilo que toma como sendo o que, verdadeiramente, já se tem.”.

3 QUANDO A MÃO AMIGA É UM ABANDONO

*Certa vez, atravessando um rio,
Cura viu um pedaço de terra argilosa...
(Heidegger, 2006, p. 266)*

Como nos lembra Han (2023, p. 164), a “mão do Heidegger é um prolongamento do coração como órgão receptor do dom. A mão toma o coração do dom”. No coração de *Ser e Tempo* reside a deusa da cura, cujo sentido é o tempo. No mito, em dado momento, a deusa se depara com Zeus e Terra em disputa resolvida, apenas, por Saturno (corpo, alma, tempo e cura). Cura não se impôs, *ao que parece* a temporalidade afinou a todos. A criatura decorrente de seu cuidado, permanecerá em suas mãos, até, pelo tempo que lhe resta, escorregar das mãos da deusa, e assim, retornar, dividida, aos confins da Terra, e, às alturas de Zeus.

Entretanto, diante da saga mítico-poético do *dasein* na clareira desta grande conjunção entre a terra, saturno e júpiter, não é de estranhar, que o ânimo decorrente de Zeus, e o tempo girado por Saturno parecem sobrepor aquele pedaço de humus, e os gestos das mãos doadoras de Cura!? Também não o seria, muito antes, com as águas? O que seu silêncio nos diz? Pois, já o sabemos, cura, antes de tudo, atravessava um rio. Nos concentrando nele, ao que nos leva o silenciamento das cargas d'água? Na vereda *Heráclito* ela se mantém presente, mas, curiosamente, não através do fragmento 91. As águas heraclitianas também foram silenciadas.

No caso, não repetamos o gesto, as águas são meditadas como imagem de apreensão do inimaginável, assinalando que toda essência, todo início, toda fonte é inimaginável. Como eco da questão “o que haveria, então, de suceder com o surgir, desprovido de todo e qualquer relacionamento com o encobrir-se?”, ele questiona o que sucederia “se a fonte que surge à luz da terra ficasse sem as águas que ocorrem subterraneamente?”. E segue, respondendo que, sem as águas, não haveria mais fonte, pois esta (a fonte) “precisaria pertencer às águas escondidas”. Por fim, acentua que este pertencimento, nos “diz que, em sua essência, toda fonte se mantém protegida pelas águas escondidas na terra, só sendo fonte a partir delas” (Heidegger, 1998, p. 148). Vejamos...

A mão calma, amorosa, é uma “força tranquila” (Heidegger, 1985, p. 37). Dar uma mão, dar uma força, também nos leva a uma mão amiga (*Freundlich* - Han). Em dado momento, nas meditações em torno de *Heráclito*, Heidegger (1998, p. 141) ressalta que a “amizade” (*philia*) é o “solo” da “educação”! Tão logo, trata-se do Eros pedagógico, amiúde, “exorcizado da Paideia ocidental” (Freitas, 2017, p. 54). Deste modo, já não estamos numa dita formação humana, mas, em um tipo de formação inumana, propriamente, no abandono à mercê de um demônio: Eros, aquele que ultrapassa os limites do estabelecido, da conduta, da sensatez, provocando uma loucura exaltada, um estado de ânimo.

Ludueña Romandini (2018, p.65), observa, a partir de Hannah Arendt, que Eros é “precisamente uma entidade não-humana: cada homem é uma morada do amor, mas a pátria do amor corresponde ao mundo demônico”. Buscamos ressaltar que a possessão divina involuntária, retoma a presença dos deuses na vida do Heidegger, assinalando que as tonalidades afetivas são, cada qual, a presença dos deuses, das deusas, e dos demônios... “Nem sequer os sentimentos que o homem experimenta lhe pertencem. Todos são potências exteriores que se apoderam de sua sensibilidade e o arrastam em um ou outro frenesi. [...] Uma intromissão inumana” (Ludueña Romandini, 2018, p. 66). Vale lembrar que a “loucura demonológica de Sócrates marcou o decorrer da metafísica ocidental em todo seu desenvolvimento histórico. Em muitas ocasiões, a filosofia tentou conjurar, essa origem [ruidosa]” (Ludueña Romandini, 2018, p. 78), diante da qual, contraconjuramos, invocamos o Eros pedagógico.

Em *Los demônios de Heidegger*, o autor expõe uma subversão da tradição filosófica. Enquanto a vida costuma ser simplificada e o pensamento complexificado, Heidegger inverte essa relação. Para ele, a questão fundamental do ser, longe de ser complexa, é simples e encontra suas raízes no perene fascínio pelo feminino. Neste estar-no-Eros, que tumultuou sua vida, o mago da floresta negra assinala que, “Passada a 'tensão' da publicação tive um momento de calma - mas vejo que passou e o demônio volta para me atormentar e me oprimir de forma perturbadora” (Heidegger Apud Xolocotzi, 2012, p. 91, *tradução nossa*).

Heidegger (1985, p. 37), recua à Eros, por ele é possuído, nos indicando que “o poder do [amor] é a graça pela qual alguma coisa é propriamente capaz de ser [...] poder algo significa, aqui: guarda-lo na sua essência, conservá-lo no seu elemento”. Para ele,

não há fluidez e voz que se sustente sem Eros, o pensar só é possível pelo *chama*-do da paixão. A saber, a vida, em fuga da inteligência, ama servisse do feminino. A vida, no Heidegger, subverte uma longa tradição de amantes da sabedoria. Um evento fundamental na história da filosofia, o riso da jovem trácia, parece ter afastado 99% dos filósofos, além de 70% daqueles que se mantiveram solteiros, do pathos e do feminino (Xolocotzi, 2012). CUIDADO!

Sobre esta relação, de modo pontual, Heidegger retoma, em *Que é uma coisa?*, a necessidade do cômico, a partir do riso da jovem trácia, e, do erro, através do filósofo Tales e sua queda no poço.¹⁹ Podemos imaginar que, referente a terra, o poço assinalaria na queda (no velar), o desvelamento das lágrimas jubilosas da jovem, o encontro com as águas. Isto é, para filosofar seria preciso estar à intensidade do feminino, estar nas águas. As águas no subterrâneo desta pequena história parecem ressoar tanto o silêncio das águas do mito da cura, quanto do fragmento 91 do Heráclito, assim como do elemento água do Tales.

Todavia, questionemos aquela vereda inaugural do mito da cura: o elemento do *humus* compreende um *tempo* de *animação*[?]. Seria este o mundo do ek-sistente, uma dança erótico-desmedida entre céu, terra, mortais e imortais? O que seria do humus sem água, terra seca? Estaria o coração de Heidegger, o coração de *Ser e Tempo* esquecido em terras áridas? É a partir daqui que trilhamos outras veredas, acompanhado velhas palavras, deidades e elementais desertificados...

A *philia* (amor:amizade) é o elemento da educação. Se se a compreende como solo, como terra, estaria a educação, o amor e a amizade desde já fora de seu elemento (não no deserto da racionalidade do sujeito, mas em terras áridas da compreensibilidade do estar-aí)? Precisemos, com a advertência do “mago de Meßkirch” (Bekewell, 2017, p. 55): “Após dois milênios e meio, seria tempo, enfim, de se perguntar ao menos uma vez pela mãe da lógica”, de podermos “escutar o canto da terra” (Heidegger, 1998, p. 252 e 259). Saber escutar esse canto é fundamental para a formação de mundo. Estaria Heidegger solicitando aos seus conterrâneos ouvirem ao menos uma vez o canto da terra, de terem uma palavra da mãe, de se deixarem ouvi-la – enquanto ele mesmo emudece a mãe das águas? Estaria solicitando nossa filiação oportuna (*kayrós*) a uma linhagem *milenar* não mensurável? Mais uma vez: e às torrentes das mães das águas...(silêncio)?

¹⁹ Sobre o tema do riso nas meditações do Heidegger Cf. Reis, 2010.

Em *Qué [chama] a pensar?* A mãe aparece gritando com seu filho, ela o chama, solicitando seu retorno ao lar (seria a casa do ser? Para o Heidegger, certamente!). Não há como não imaginar que Heidegger é essa criança escutando o canto da mãe, enquanto brinca com a história do pensamento dando-lhe viravoltas! Nas referidas páginas, o grito da mãe é mais eficaz do que qualquer campanha escolar. A criança ouvirá sua mãe mesmo que seu grito seja abafado pelos sons mais estridentes. A criança não deixará de escutá-la por já ser ouvinte daquilo que pertence a sua essência, sendo esta, uma iniciação, uma suficiente profundidade (pensamento inicial, pensamento essencial).

Portanto, um *phylum* em que entramos arrastados, chamados por uma *philia*... sem escolha ou obrigação. Assim, quem Heidegger escuta amorosamente? Que tipo de intensa amizade aguarda Heidegger? Qual amizade ele deixa ser? Quais veredas (*phylum:philia*) fenomenológicas foram abertas rumo à casa do ser, para nela poetizarem aleticamente? Sabemos de sua amizade com os gregos, sabemos de sua formação em meio aos gregos, sabemos também do que periga no pensar grego (da sua verdade adequada), mas também do que salva... pois, onde cresce o perigo também surge o que salva (a alética dos pensadores originários). Recordemos as palavras de um grande amor do Heidegger, pois, em *Ser e Tempo*, “os voos de pensamento ali contidos muito devem ao amor dos dois” (Grunenberg, 2019, p. 09-10):

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína [...]. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista por nós (Arendt, 2016, p. 247).

Nos termos do Heidegger: abandonaremos as crianças aos riscos da doma adequada, ou, assumiremos a responsabilidade do gesto alético? Assumiremos a responsabilidade, o amor, a amizade pelas coisas e pelos outros, pelo mundo e pelas crianças? Ecoando a advertência de Arendt, teria, Heidegger, arrancado das mãos das crianças o tempo oportuno, o *kayrós*, de enveredar algo novo e imprevisto por nós? Teria, ele, cedido a um tipo de totalitarismo mundano?

A saber, o papel de líder no campo da educação, de educador da nação, ruiu para Heidegger. Sua missão pela mundanização destruiu amores e amizades, levando-o às profundezas da filosofia. Ele recuou, talvez, não o suficiente. Heidegger, para Arendt, é

um animal, estritamente, uma raposa que, ao buscar uma toca segura, um recato, acabara numa armadilha (um poço seco?).²⁰

Não nos enganemos! Em nossos termos, este professor com “aura mística”²¹, navegou sobre as águas com bússola alética mágica, rumo a terra seca. Para Hannah Arendt, Heidegger padece de uma inabilidade, uma *déformation professionnelle*, em pensar eventos particulares, isto é, os afetos/sofrimentos dos entes, não apenas humanos, mas do animal, da planta, da terra, e, aqui, do próprio curso das águas (Lopes Junior, 2020).

Mas, o que teria ocorrido se ele tivesse recuado aos gregos ao ponto de presenciar a luta de Apolo com a serpente Píton, beirado os hebreus, e neles presenciado Javé contra o Leviatã, e, ali por perto, cruzado com os babilônios, onde Marduk luta contra Tiamat (Oliveira, 2005)? Teria visto figuras masculinas, deuses ou heróis solares, erguendo-se contra monstros, animais e deusas, ou, ele viu apenas o inacessível e inexprimível fechamento/silenciamento da terra, e, a partir daí pôs-se em sereno silêncio? Teria Heidegger, assustando-se com o conflito, recuado, dizendo, *isto não é para mim* e, assim, projetado como imperativo mundano a todo estar-aí? Desde já, saímos da desmundanização, ou seja, a guisa de exemplo, do imperativo categórico para o imperativo existencial (mundanização)?

A história é conhecida, pouco divulgada, e tratada retoricamente: associada inicialmente a um deus masculino como filha, consorte ou mãe, ela foi banida; E, com o surgimento do deus único, ela foi esquecida... Teria Heidegger indicado o esquecimento da terra, solicitado ouvirmos ao menos uma vez o seu canto, mesmo artificialmente, sobre uma embarcação, atados a um mastro (isto é, protegidos das águas e de seus residentes)?

Talvez, à espera de ser mergulhada, a terra, no fundo do rio (terr:a:mar), não apenas na face do animal, da planta e da pedra (sementes jorantes), e precedida pelo ápice do tédio, do tédio profundo, mostre um Heidegger abissalmente entediado, à espera do que há de mais profundo? Uma profundidade, uma riqueza de abertura, que o mundo humano, nem o estar-aí, e, portanto, nem o Heidegger jamais conheçam/compreendam de forma alguma... Uma resistência extramundana²² que o próprio Heidegger (2003, p. 292)

²⁰ “Dizem que o Heidegger é uma raposa” (Arendt, 2002, p. 403).

²¹ (Cf. Bekewell, 2017).

²² (Cf. Valentim, 2018, p. 158).

nos tropeçou: a “vida é muito mais um âmbito, que possui uma riqueza de abertura tal que o mundo humano talvez não conheça de forma alguma”.

Para além de uma etimologia existencial entre vida e mundo, buscamos uma riqueza tal que o mundo humano, e, o mundo do estar-aí desconheçam/incompreendam. Somos compelidos, assim, a abrir uma vereda outra, uma com *philia:phylum* tão só da morada extramundana do que da mundana...

4 ASSIM EU APRENDI: ASSALTANDO E SENDO ASSALTADO

*Inevitavelmente, diante de nossos olhos,
o animal está no mundo como a água na água.*
(BATAILLE, 2015, p. 27)

Heidegger (2012, p. 125-131) nos acena que é preciso aprender, e, a partir do poeta Stefan George dispõe seus passos, os quais traduzimos: *Assim eu aprendi*, percorrendo um caminho, atravessando uma “paisagem misteriosa”, o “limite”, a “fronteira”. Já estamos na “terra limítrofe”, na “terra poética”. É interessante notar que é da terra que o mundo é desdobrado. Mundo é o que a meditação em *Ser e Tempo* possibilitou recuperar. Com a *Kehre*, a viravolta, é à terra que Heidegger se direciona.

Nesse aí misterioso, ele limitrofica. A terra encontra-se fechada em si, tal e qual os animais, as plantas, e as pedras. O extramundano encontra-se fechado.²³ A terra retrocede diante de toda a abertura e se mantém fechada, e, porém, é de onde o estar-aí funda seu morar no mundo, tornando-se formador: Transpor-se para o homem, para o animal, para o vegetal e para a pedra é para Heidegger, possível na primeira, questionável em sua realização fática na segunda, e impossível e sem sentido nas últimas.

Isto ecoa que a terra é concebida como um “caso-limite do ser de um possível ente intramundano” que nos visitará, visitou e ainda visita (Heidegger, 2006, p. 113). A estrutura da cura nos acena o anteceder-se-a-si-mesmo-no-já-ser-em-um-mundo-junto-ao... intramundano; sendo este, as “coisas [que] visitam propriamente os mortais com um mundo” (Heidegger, 2012, p. 17). Somos bons anfitriões? O caso é que o intramundano encontra-se a vista do abrigo do estar-aí, já o extramundano, vindo ao encontro do estar-

²³ Heidegger recua diante do assalto do fora. Guarda a casa do ser, mas não deixa que ela se inunde. Aqui, o extramundo entra em chamas, em água, em corpo. Não se trata mais de compreender, mas de ser tomado — por uma pedagogia da posse, da invasão, do canto das deusas esquecidas.

aí, pode assaltar o seu ser, irrompendo-o e destruindo-o²⁴. O extramundano é o “contra-existencial”, o “fora do mundo” (Valentim, 2018, p. 46), o “fora do ser” (Agamben, 2013, p. 145), a “nossa vida, enquanto não nos pertence” (Agamben, 2007, p. 47).

Isto nos possibilita balizar o limite da vereda do Heidegger: se a analítica existencial encontra seu limite na poesia, e se na poesia Heidegger ultrapassa os limites de *Ser e Tempo* se abrindo na casa do ser, o que vem a ser a relação da terra com a poesia, um sustentáculo do formador de mundo? Inicialmente, tratou-se do fora de si (êxtase), e, na virada, da guarda do ser (recato). Agora, podemos imaginar que na paisagem misteriosa tratar-se-ia do fora do estar:mundo, diante do qual, Heidegger recuou a fim de garantir a estrutura da cura, resistindo ao assalto da “*Naturereignisse*” (Valentim, 2018, p. 37)? É o que parece! Talvez a terra vislumbrada pelo Heidegger, seja uma terra audível ao estar-aí, uma terra doce, amável, e não intrusiva, como Gaia (Stengers, 2015), como a *Naturereignisse* (catástrofes naturais, como as cargas d'água). O que houve em seu trajeto que passara de uma euforia angustiante para um recato sereno?

Não obstante, *quem quiser ser um professor* (de arte marcial, de...), um mago com aura mística, que aprende “*de cor*”ação na mão (Han, 2023, p. 32)... tem de, como assinala Sloterdijk (2000, p. 25), fazer “observações históricas, como declarar, por exemplo, que aparentemente ‘é como se a essência do divino estivesse mais próxima de nós que a desconcertante essência dos seres vivos’”, tem de guardar o pavor pelo canto da terra, pelos mundos extras.²⁵ Heidegger (1998, p. 22-23) vê seu entorno, e se decepiona com animais, pedras e plantas, mesmo que estes indiquem, como o forno da fornalha, que “também aqui se fazem presentes os deuses”. Colocando Heidegger diante do espelho: “Tudo isso é correto, mas não é verdadeiro *em sentido mais profundo*” – tudo isto é existencial, mas não o é em sentido mais *afundo* (Heidegger, 2007, p. 224, *destaque nosso*).

Vejamos o quão fundo podemos ir... Resistindo à terra, por exemplo à planta, o que seria a rosa de Angelus Silesius usada por Heidegger para compreender o abismo do

²⁴ O extramundano que irrompe não quer acolhida. Ele assalta. Não visita — invade. Quando chega, o estar-aí não o hospeda: é desfeito. As coisas já não falam, elas gritam. A linguagem se rompe, e o mundo, como o conhecíamos, perde seu chão. “Mais que de *Nicht-dasein*, tratar-se-ia, pois, de *Un-dasein*: algo incomparavelmente mais negativo e ameaçador para o ser-no-mundo do que consegue ser o ente intramundano quando, furtando-se ao uso, impele o [estar-aí] a atentar para o seu próprio mundo” (Valentim, 2018, p. 45).

²⁵ (Cf. Valentin, p. 44-50).

ser: “A rosa é sem porquê, floresce por florescer. Não se inquieta consigo mesma, nem pergunta se alguém a vê?” (Heidegger, 1957, p. 69, *tradução nossa*).²⁶ Será que o mago se inquietou com o olhar do abismo, teria, ele, sido atingido pela maldição nietzschiana: “Quem combate monstruosidades deve cuidar para que não se torne um monstro. E se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olhará para dentro de você.” (Nietzsche, 1992, p. 79)?

D’olho na rosa, teríamos aqui uma mera metáfora, *floreio* poético, um recuo para não ser assaltado por ela? A terra no pensamento meditativo é uma metáfora, um interdito? Não é possível ser *junto* ao extramundano, estar tomado de assalto, por cargas d’água? É possível meramente aguardar serenamente, mas não habitar entre, não entrar, não perder a compreensão de ser do estar-aí?

O que seria: *seja rosa*? Já não o seria, transponha, desconcerte, vibre, abisme, seja água, céu, rosa, terra, peixe, caranguejo...? Não seria já assumir a abertura projetiva, residir na terra limítrofe, na terra poética? Ou seria esta, a casa do ser como recato frente à extramundandade que dá d’cara com a porta mundanamente fechada?! Quem, de fato, encontra-se fechado? No canto da terra, naquele canto, de terr:a:mar, como água na água...

Novamente, o caso é que a mão silenciosa... seja ela enquanto apropriação silenciosa, ou, enquanto correspondência silenciosa nos expôs os silenciados²⁷: pré-socráticos; poetas; deusas; demônios; questão do ser; intramundanos; e, em termos limitados, extramundanos. Segue-se a compreensão do estar-aí como paradigmática à impossibilidade de nos transpormos à terra, de nela habitarmos. Vale frisar o gesto de parar, não apenas o entendimento²⁸, mas a compreensão. É preciso atravessar o espelho... Não entenda água! Não compreenda água! Mas sim: como água na água! Contudo, para isto, acompanhado Sloterdijk (2000), Heidegger teria de ter mergulhado em águas profundas.

Não obstante, valendo-se dos extramundanos como exemplificação mundana, ele bloqueou a heterogeneidade radical. Com sua mão suave, ele a *compreendeu*. Mas tal e qual um ladrão mão-leve, prestes a ser assaltado, Heidegger roubou terra às celas mundano-remissivas. É o roubo mais fino da história do ser.

²⁶ Para os povos originários, não só a rosa tem o seu porquê, mas também, as montanhas, os rios... “*Uruhi a* resiste assim à ‘fundamentação’ – seja *Ereignis* ou *Gestell* –, pois tem seus próprios ‘por-quês’” (Valentin, 2018, p. 256)

²⁷ (Cf. Dastur, 1990, p. 126).

²⁸ Sobre a imobilização do entendimento Cf. Heidegger (1998, p. 128-137).

É preciso trespassarmos o diagnóstico do Sloterdijk (2000, p. 43) para com ele “reconhecer que a domesticação do ser humano [principalmente via estar-aí] é o grande impensado, do qual o humanismo desde a antiguidade até o presente desviou os olhos é o bastante para afundarmos em águas profundas”. Estaria Heidegger preparado, ao valorar a proximidade com os deuses e estranhar a afinidade com os animais, enquanto, do alto do olimpo, flerta com a terra e as deusas?

O caso, é que o “grande Mestre do assombro”²⁹ permaneceu atado no mastro tal e qual Odisseu. Parando o entendimento, ele pode escutar o canto da terra, pode *compreendê-la*, e, nela *errar* poeticamente. Mas ao submeter as flores como índices-formais para validar/ajuizar o mundo do *estar-aí*, aprisionou este da possibilidade de se extramundanizar, e, das flores serem professoras (Albuquerque, 2009), de *se mundanizarem*, de invadirem o mundo do estar-aí, ou, de também confundirem. O extramundo foi usado como fundamento, como exemplo do mundano. Um artifício símile à inclusão-excludente, denunciado por Agamben (2013, p. 123), onde lemos sua “boa-fé”: se amarrou no lastro do mesmo barco da antropogênese, não naufragando no canto da terra, da sereia, da água, do fogo, da onça, da rosa, de oxum, dos exus, das pombas giras, dos xapiris...

Podemos imaginar que Heidegger não se recatou o suficiente na luta das lutas. Isto porque, para tal, ele teria de mergulhar nas profundezas da história, para nela ver outra luta, que silenciou o canto da terra, que lhe retirou a palavra, o fôlego, em outros termos, que selou a Grande Mãe (Oliveira, 2005). Teria ele, então, escutado uma melodia fúnebre? Seguindo Agamben, seria Heidegger alvo da vingança da Terra, que o barrou por conta própria, prendendo-o na máquina antropológica? Teria, Heidegger, não apenas escutado a terra, mas também a flertado nos olhos da górgona, e assim petrificado? É possível que a pedra lhe tenha sido tão encharcada, que tenha escapado de suas mãos, exigindo, não uma leitura *compreensiva*, mas algo um tanto mais *intrusivo*, *borrado*, *fluido* – teria lhe faltado um indício-extra-formal? E o que dizer das águas daquele rio em que cura atravessava, omitido de toda vereda, de toda meditação? A magia do aí tem seus limites! Na modalidade da cura *em-direção-a-de-volta-para-ser-junto-a...*

²⁹ (Cf. Bekewell, 2017, p.56).

[...] temos de percorrer, ainda mais variadamente, o que vemos ao nosso redor e lembrarmos do círculo mais estreito e o mais amplo que nos rodeia, no qual nos encontramos, sabendo ou sem saber, diariamente e a cada hora. Um círculo que alarga continuamente seus limites, até romper-se de repente (Heidegger, 1999, p. 61).

Temos de percorrer... temos de fluir, não tanto como água na água, ao olhar em torno (circunvisão), livre da circularidade viciosa (panóptica), não mais restrito no “efetivamente real da situação presente” (Heidegger, 1985, p. 34). Temos, ainda, de continuar lembrando da estreiteza *e* da amplitude, de percorrer variadamente os arredores, “continuado num círculo mágico em torno do mesmo, sem jamais poder aproximar-se deste mesmo” (Heidegger, 1969, p. 44). Não obstante, assim, percorrendo, retoma-se o aroma nas artes marciais.

Porém, o círculo ou a espiral mágica em torno do mesmo, que jamais podemos nos aproximar! O “mundo mágico afinador” em torno do mesmo, que jamais podemos nos aproximar (Heidegger apud Han, 2023, p. 45)! Nunca podemos nos aproximar do *mesmo*, do *oculto*, do *puro*, do *abismo*, do *profundo*, do *ao mesmo tempo*, do *como*, do *enquanto*, do *amor* e da *amizade*? Aqui, teríamos também a impossibilidade de nos transpor à terra, ao animal, à planta, à pedra, ao lago ou...? E, de modo símile, teríamos a mera possibilidade de uma pedagogia da amabilidade, e não de uma pedagogia selvagem, irada?³⁰ Isto é, meramente a Mãe terra, e não, em outros cenários, “a intrusão de Gaia” (Stengers, 2015, p. 47), meramente mundo e não, ao que pontuamos, terr:a:mar?

Como vimos, Heidegger recuou no lugar de avançar rumo a heterogeneidade radical; em termos diversos, a “reconhecer um tipo de antecipação compreensiva nas aptidões pulsionais, ou [a] ampliar a análise do conceito usual de existência” (Reis, 2018, p. 141). De todo modo, uma iniciação artístico marcial mágica exigiria existência radical... Em Heidegger, a magia do aí “é INUMANA” (Tiqqun, 2019, p. 186), nos limites da compreensibilidade do estar-aí, mas não da extramundandade. Até aqui vai a

³⁰ No xamanismo do budismo tibetano, por exemplo, “Dorje Drolo impede qualquer tentativa de previsão, de captura, de controle acerca de sua ação e dos seus passos. Como então lidar com esse tipo de professor? Um professor ambíguo que pode inclusive tentar destruí-lo em um segundo de distração, mas que, ao mesmo tempo, demonstra ser muito compassivo e muito generoso. É possível sentir a qualidade amorosa poderosa que emana de sua presença quase como uma dinamite. O amor que ele sente pelos tibetanos é tão forte que se confunde com ira. ‘Você pode imaginar o que é ser atingido por amor e ódio ao mesmo tempo?’, pergunta Chogyam Trungpa Rinpoche. Por isso, Dorje Drolo expressa uma sabedoria extremamente selvagem unida a uma compaixão nada romântica, um amor sem limites sustentado pelas forças selvagens da vida. Uma pura descarga elétrica em forma de qualidade amorosa” (Silva, 2019, p. 147).

circularidade compreensiva, a luta das lutas é compreensiva, amorosa, colocando de lado deidades iradas, como herukas, Kali, carrancas, seres híbridos, exus, ou pombas gira; Não apenas, coloca-se de lado também a possibilidade do inumano ensinar...³¹ A paisagem misteriosa, terrena, não ultrapassa, não chega ao conflito dos conflitos, como vimos, às cargas d'água, à diluição, ao devir que rompe a transposição restrita do formador de mundos: e de repente, “inevitavelmente, diante de nossos olhos, o animal está no mundo como a água na água” (Bataille, 2015, p. 27).

No fim de *contas*, temos as artes marciais reduzidas à educação física: física não do corpo, não do corpo afetivo, mas do corpo físico, do corpo científico; não da educação inumana, mas da educação humana; não do gesto alético, mas dos exercícios ortopédicos. E agora, após tantas palavras jorradas, não do mundo, mas da terra, não só da terra, mas das águas (terr:a:mar); Não dos afetos da angustia, da serenidade, do tédio, da melancolia do estar-aí, não do *ao mesmo tempo*, mas do *outro tempo*, *outra afecção*, *outros corpos*, onde se dá uma riqueza “infundamental”, “menor” (Valentim, 2018, p. 180), desmarcializada (Menezes, 2021), extramundanizada, nos conferindo uma docência menor...

Como ressalta Valentim (2018, p. 164-165), trata-se, em termos diversos, da transposição do animal para...; do vegetal para...; e, da pedra para...! Uma intrusão, um assalto. A posição do estar-aí, ou do humano, é assaltada! Cumpre sairmos do ponto de vista do “*si-mesmo*” para o de “*Outrem*”. O que nos abre ao perspectivismo xamânico, dos povos da montanha, dos rios, das florestas! Com *Outrem*, a *iniciação artístico marcial mágica* não postula a famosa diferença ontológica entre ser e ente, mas às diferenças ontológicas entre humanos e não humanos, algo que nos retiraria do “isolamento metafísico da humanidade” (desmundanizada, ou, mundanizada; *Gestell*, ou, *Ereignis*) para a “alteração ontológica”. O que nos permite a inversão, um giro, uma brecha: não mais o “ser-enquanto-outro”, mas o “outro-enquanto-ser” (Valentim, 2018, p. 180-183), um *enquanto*, um *tempo* extramundanos, *água-em*. Basta, apenas, um buraco de agulha, para as águas ruírem a casa do ser: cuidado, “*hamaro kamunkga turuwati*” – “cada coisa

³¹ Na educação mágica dos guerreiros de *Shambala* “aprender, nesse contexto, pressupõe atravessar barreiras identitárias a fim de dotar-se de uma sabedoria que só outras espécies – não humanas - possuem. Dizendo de outro modo: na tradição de *Shambala*, conhecer não é objetificar; é transformar, seu corpo, em um outro. Trata-se de um processo de ensino e aprendizagem cujo professor não é somente um humano, mas seu avesso, um inumano”. (Silva, 2020, p. 141).

tem sua onça”, suas *cargas d'água* (Roth, 1915, P. 367 *apud* Viveiros de Castro, 2011, p. 891).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio, 1942- *Profanações* / Giorgio Agamben ; tradução e apresentação de Selvino José Assmann. - São Paulo : Boitempo, 2007.
- AGAMBEN, Giorgio. *O Aberto: o homem e o animal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- AGAMBEN, Giorgio. *A potência do pensamento: ensaios e conferências*/ Tradução de Antônio Guerreiro – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. *Uma heresia epistemológica: as plantas como sujeito do saber*. OFICINA DO CES, v. 328, p. 1-34, 2009.
- ARENDT, Hannah. *Denktagebuch*. 2 v. (Ed. Ursula Lutz e Ingeborg Nordmann.) Munique/Zurique: Piper, 2002.
- ARTAUD, A. *Para acabar com o julgamento de Deus (1947)*. Porto Alegre: L&PM, 1983.
- BATAILLE, Georges. *Teoria da religião: seguida de Esquema de uma história das religiões*; Fernando Scheibe trad. 1ª ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2015.
- BATAILLE, Georges. *Œuvres Complètes vol I, II, V, VI, VII*. Paris: Gallimard.
- BEKEWELL, Sarah. *No café existencialista: O retrato da época em que a filosofia, a sensualidade e a rebeldia andavam juntas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017
- BEAINI, Thais Curi. *Heidegger: arte como cultivo do inoperante*/ Thais Curi Beaini. – São Paulo: Nova Stella: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- CABRAL, Alexandre Marques. *Desidentidades e resistências: ensaio de alterogêneses político-existenciais*. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Via Verita, 2020.
- TIQQUN, Olam: *contribuição para guerra em curso*. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- DASTUR, Françoise. *Heidegger e a Questão do Tempo*. 1900 LISBOA: Intituto Piaget. 1990.
- FREITAS, Alexandre Simão De. *As lições perigosas do professor foucault*. Bagoas - estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 11, p. 50-78, 2017.
- GOMES, Fabio José Cardias. *O pulo do gato preto: estudo de três dimensões educacionais das artes-caminhos marciais em uma linhagem de capoeira angolana*. 169 f. Tese, Curso de Doutorado em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- HAAR, Michel. *Heidegger e a Essência do homem*. 1900 LISBOA: Intituto Piaget. 1990.
- HAN, Byung-Chul. *O aroma do tempo: um ensaio filosófico sobre a arte da demora*. Lisboa: Relógio D'água, fevereiro de 2016.
- HAN, Byung-Chul. *O coração de Heidegger: sobre o conceito de tonalidade afetiva em Martin Heidegger*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

HEIDEGGER, Martin. *Der Satz vom Grund. Dritte Aufl.* Pfullingen, Guenther Neske, 1965. Erste Aufl. 1957.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o problema do ser/ O caminho do campo.* São Paulo: Livraria duas cidades, 1969.

HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo.* Lisboa: Editora Guimarães, 1985.

HEIDEGGER, Martin. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental: lógica: a doutrina heraclítica do logos.* Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback; preparação Ari Roitman – Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1998.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica.* 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Libertário, 1999.

HEIDEGGER, Martin. *Serenidade.* Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo.* Petrópolis, RJ: Editora Vozes 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia: da essência da verdade.* Petrópolis: Editora Vozes, 2007a.

HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica.* Traduzido do original em alemão por Marco Aurélio Werle. Em: *Revista Scientia eStudia*, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007b.

HEIDEGGER, Martin. *Meditação.* Petrópolis: Editora Vozes, 2010a.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências.* Petrópolis: Vozes; 2010b.

HEIDEGGER, Martin. *Que significa pensar?.* Madrid: editora Trotta, 2010c.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem.* Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *Contribuições à filosofia: do acontecimento apropriador.* Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

LOPES, Gelson A. Lopes Junior. *Tempo, acontecimento e formação humana: contribuições do pensamento de Martin Heidegger para um tempo formativo inoperante.* / Gelson Antonio Lopes Junior. – Recife, 2020.

LOPES JÚNIOR, G. A.; LIMA, R. de C. P. R.; MENEZES, J. da S. POÉTICAS DO COMBATE: o gesto pedagógico do ataque e da defesa. *Revista Espaço do Currículo*, [S. l.], v. 18, n. 2, p. e68495, 2025. DOI: 10.15687/rec.v18i2.68495. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/68495>. Acesso em: 24 jun. 2025.

LUDUEÑA ROMANDINI, Fabián. *Princípios de espectrologia. A comunidade dos espectros II.* Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2018.

MELO, Jailton Bezerra; LUZ NETO, R. G. ; TEIXEIRA, E. O.; BARRETO, C. L. B. T. ; LEITE, D. F. C. C. S. . *Capacitismo, corpo e fenomenologia: caminhos para uma Psicologia ?Aleijada?.* REVISTA DE PSICOLOGIA POLÍTICA, v. 24, p. 1-16, 2023.

MENEZES, Jean da Silva. *As artes marciais como máquina de guerra espiritual: um estudo da arte marcial mágica em Chögyam Trungpa Rinpoche.* / Jean da Silva Menezes. – Recife, 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OLIVEIRA, Rosalira dos. S.. *Em nome da mãe: o arquétipo da Deusa e suas manifestações nos dias atuais*. Revista *Ártemis*, v. 03, 2005.

REIS, R. R.. *Heidegger e o enigma da comédia*. *Philosophos*, v. 14, p. 115-161, 2010.

REIS, R. *A fenomenologia da percepção animal nos Conceitos fundamentais da metafísica*. *Dissertatio*, n. 48, pp. 124-144, 2018.

ROLNIK, Suely. *Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil*. In: *Núcleo de Estudos de Subjetividade da PUC*. São Paulo, 1987. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SILVA, Ridivaldo Procópio da. *Genealogia dos vagabundos: aleturgia dos cínicos periféricos* / Ridivaldo Procópio da Silva. – Recife, 2018.

SILVA, Sidney Carlos Rocha da. *Educação e espiritualidade em Chögyam trungpa rinpoche: nos rastros de uma pedagogia fantástica*. / Sidney Carlos Rocha da Silva. – Recife, 2020.

SILVA, Silas Carlos Rocha da. *O ponto de vista da vacuidade como experiência de pensamento: notas para uma ética da Não-dualidade na Educação* / Silas Carlos Rocha da Silva. – Recife, 2019.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta a carta de Heidegger sobre o humanismo*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade: 2000.

STENGERS, Isabelle [1949-] *No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima*: Isabelle Stengers Título original: *Au temps des catastrophes – résister à la barbarie qui vient* Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro São Paulo: Cosac Naify, 2015

VALENTIM, M. A. *Extramundandade e sobrenatureza: ensaios de ontologia infundamental*. – Florianópolis(SC): Cultura e Barbárie, 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, E.. *O medo dos outros*. *Revista de Antropologia*, USP. Impresso, v. 54, p. 885-917, 2011.

XOLOCOTZI, A. *Los Demonios de Heidegger: Eros y Manía em el Maestro de la Selva Negra*. Editorial Trotta, Madrid, 2012.

Recebido em: 20/01/2025 | Aprovado em: 02/06/2025